

## ESCÂNDALO/PERSONAGEM

# Miranda faz fortuna e sonha com o Planalto

*Senador, apoiado na projeção que alcançou na CPI, pretende ser a novidade das eleições*

FERNANDO GRANATO

**C**omo explicar uma fortuna constituída na base de concessões e liberação de cotas para atuação na Zona Franca de Manaus? Como se livrar das acusações de tráfico de influência durante o governo Collor? O senador Gilberto Miranda (PMDB-AM) planejava passar o final do ano reunido com amigos, em sua ilha no litoral norte de São Paulo, traçando as respostas para essas perguntas e a estratégia a ser adotada para seu ambicioso voo de 1994. Com o vácuo deixado no PMDB em função do desgaste de Orestes Quérnia e com a projeção alcançada na CPI do Orçamento, Miranda quer levar seu nome à convenção que escolherá o candidato do seu partido à Presidência da República.

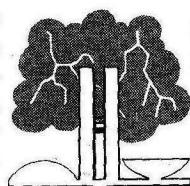
Por telefone, de sua ilha com área de 14 mil metros quadrados, com piscina e heliponto, mais oito jet-skis à disposição dos hóspedes, Miranda disse ao *Estado* que quer ser o fato novo das próximas eleições. "Creio que o País está precisando de um empresário honesto e não de um político", analisou. "Sei que vão me acusar de algumas coisas ao longo da campanha, mas tenho como rebater todas as críticas, vamos comprar bastante sabão para lavar toda a roupa suja".

As críticas a que o senador se refere têm a mesma origem: a Zona Franca de Manaus. Miranda chegou há cerca de 20 anos na ZFM, com US\$ 100 no bolso e, nesse período, acumulou uma fortuna estimada em US\$ 300 milhões, nem sempre agindo da maneira mais ilibada, segundo seus inimigos.

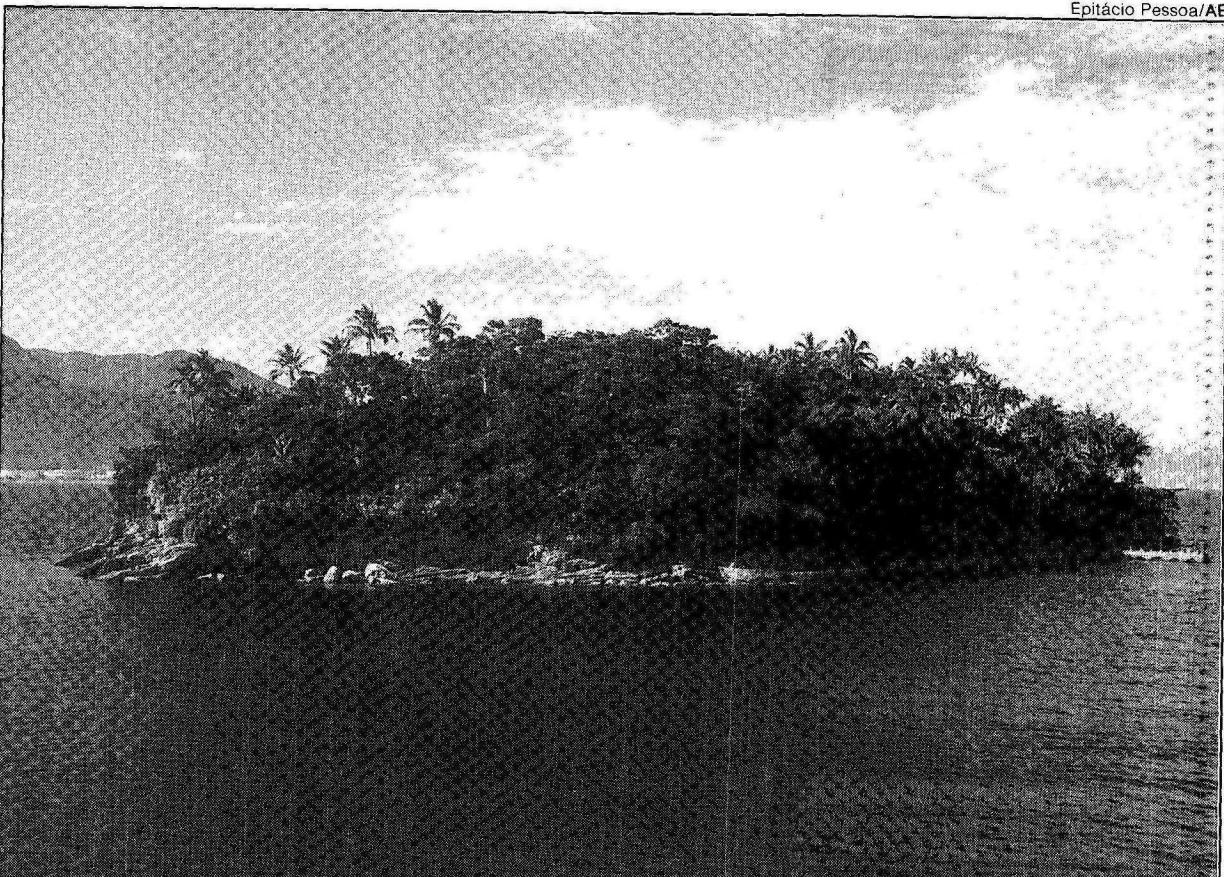
Miranda — que se especializou em apresentar e aprovar projetos na Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) — foi acusado de tráfico de influência durante o governo Collor. Seu irmão, Egberto Baptista, ocupou o cargo de secretário de Desenvolvimento Regional, a quem estava subordinada a Suframa. Documento obtido na Junta Comercial de São Paulo mostra que Egberto, até 24 de abril de 1990 — um mês depois da posse de Collor — ainda era diretor na empresa de Gilberto Miranda, da qual havia sido sócio até 1989. Durante o período em que esteve na SDR, a empresa de seu irmão teve tratamento especial por parte da Suframa.

Num dos casos mais polêmicos, uma das empresas de Miranda, a indústria de utilitários São Jerônimo, conseguiu sinal verde da Suframa — mesmo com o parecer contrário da ministra Zélia Cardoso de Mello — para ampliar seu projeto original de montagem de caminhonetes e, assim, trazer milhões de dólares a mais para o bolso de seu dono. Antes disso, Egberto, de próprio punho, redigiu a portaria número 71, liberando as cotas de importação das empresas da Zona Franca, que a ministra Zélia vinha bloqueando. A portaria acabou vetada pelo presidente Collor. Eram muitas as evidências de que a portaria de Egberto beneficiava seu próprio irmão.

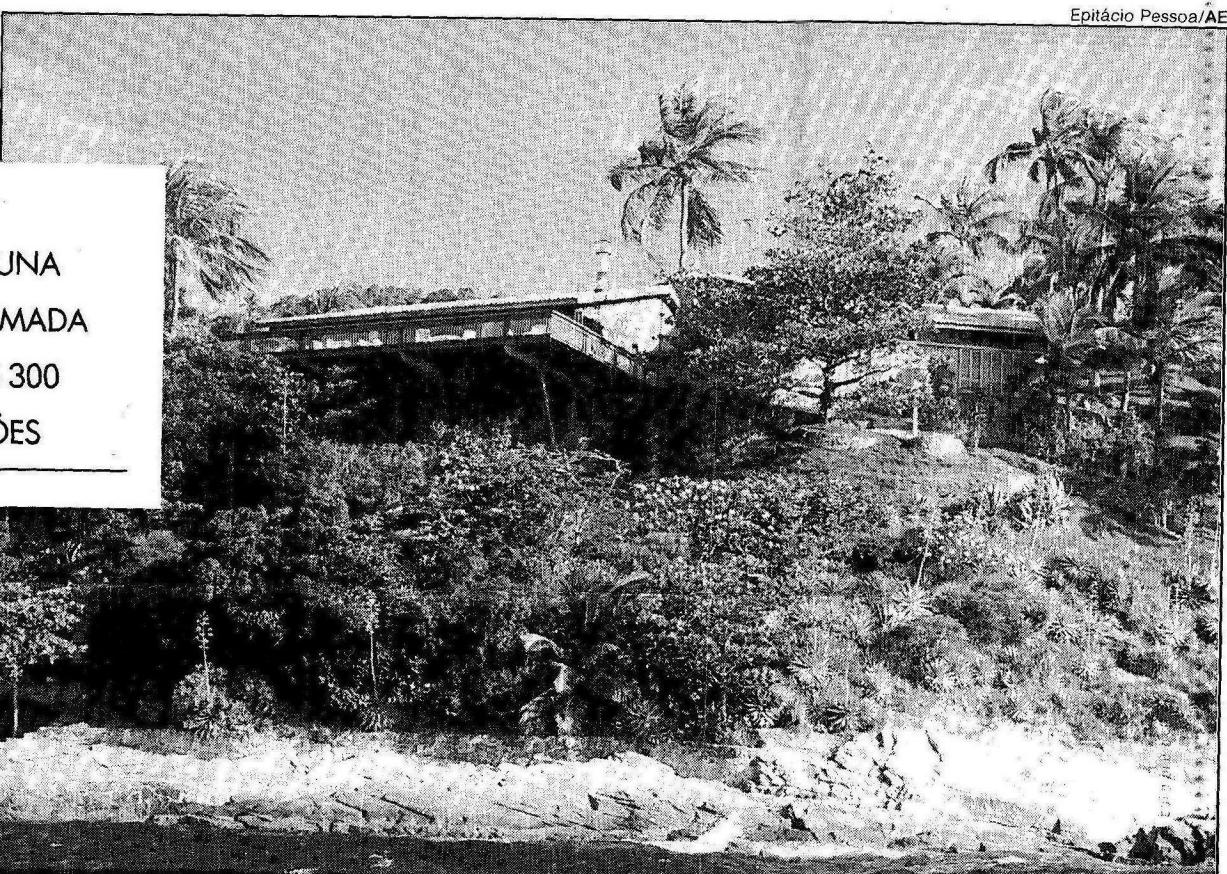
Miranda nega que tenha se beneficiado durante a gestão de Egberto na SDR. "Não aprovei nenhum projeto novo quando meu irmão estava no governo, apenas ampliei projetos velhos, como o da São Jerônimo",



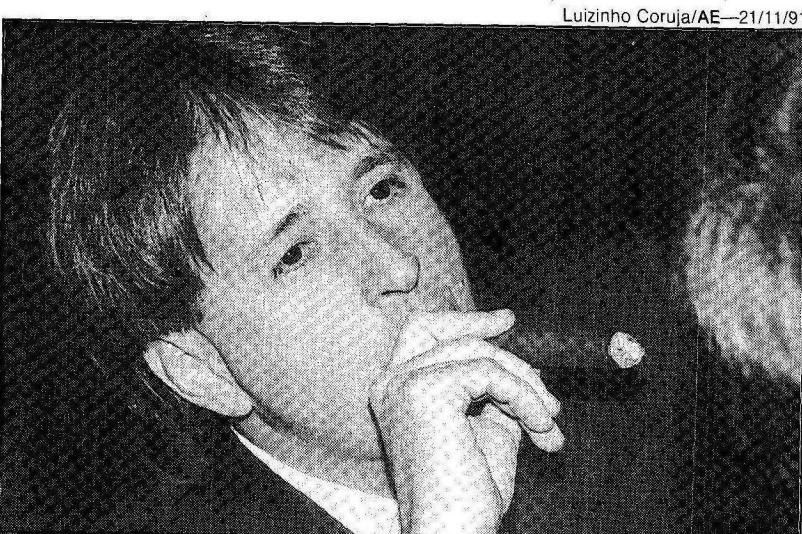
**FORTUNA  
ESTÁ ESTIMADA  
EM US\$ 300  
MILHÕES**



*Ilha paradisíaca, no Litoral Norte de São Paulo, tem 14 mil metros quadrados e vale US\$ 1 milhão*



*A casa, com um deck de frente para o mar, tem recebido muita gente importante em grandes festas*



*"Vamos comprar bastante sabão para lavar toda a roupa suja"*

afirma. Com relação à facilidade em conseguir cotas de importação na Zona Franca, o senador pretende rebater as críticas com o seguinte argumento: "Conseguia as cotas porque apresentava projetos viáveis e bem elaborados tecnicamente."

**Tintureiro** — Filho de um tintureiro de São José do Rio Preto (SP), Miranda costuma contar que chegou a Manaus (AM), há 20 anos, apenas com o dinheiro obtido com a venda de um velho Passat, sua única propriedade. Já havia sido contínuo em cartório, empacotador de uma loja e

instrutor de natação do late Clube de Brasília, além de professor de educação física no Centro Integrado de Ensino Médio, onde teve como alunos pessoas que se tornaram importantes no circuito do poder, gente como o atual deputado Paulo Octávio (PRN-DF) e o ex-presidente Fernando Collor.

Depois disso, cursou Direito e a advocacia o levou a Manaus e ao império de indústrias que hoje comanda. A Humana S.A., holding de seu grupo, fundada em 1978, está expandindo seus limites geográficos e ramos de atuação. O grupo investiu

na China US\$ 12 milhões, em 1993, e pretende investir mais US\$ 30 milhões em 1994, no ramo de fabricação de componentes eletrônicos. Recentemente, Miranda — com dois amigos — fez uma oferta de US\$ 100 milhões para comprar uma das mais famosas fábricas de charutos de Cuba, a Cohiba, mas o negócio acabou não se concretizando.

As empresas de Miranda têm um faturamento anual de meio bilhão de dólares. Depois de ter sido eleito senador — era suplente de dois senadores e ganhou a cadeira quando Amazonino Mendes assumiu a prefeitura de Manaus —, Miranda vive agora na ponte-aérea entre Brasília, Manaus e São Paulo. Gosta de luxo e do anonimato quando está degustando seus caros prazeres.

Miranda faz parte da Confraria dos Amigos do Vinho, na qual os associados abrem garrafas de até US\$ 3 mil. Entre os colegas que degustam vinho com o senador, quase sempre nas dependências do restaurante Fasano, estão o ex-genro do presidente Sarney, Jorge Murad, e José Alberto Rodrigues Alves, afastado pelo ministro Fernando Henrique Cardoso da chefia da Alfândega do Aeroporto de Guarulhos, onde ficou por mais de 10 anos. Murad e Rodrigues Alves, aliás, são fregueses das festas de fim de ano na ilha de US\$ 1 milhão de Gilberto Miranda.